

Entrevista do LABREV - Laboratório de Revisão de Textos Acadêmico-científicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), feita pela graduanda Thayne Costa dos Santos à Profa. Dra. Eliane Gouvêa Lousada, em setembro de 2017, por ocasião do IX Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET) na UFMS. Eliane Lousada é líder do grupo de pesquisa ALTER-CNPq - Análise de Linguagem, Trabalho e suas Relações. Foi professora da University of Guelph, Canadá, no departamento de Etudes Françaises, onde atuou na graduação e no mestrado (Masters) em Estudos Franceses (French Studies) e leciona, atualmente, na área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, na Universidade de São Paulo (USP). Nesse encontro, a pesquisadora fala sobre as questões abordadas em suas pesquisas ligadas ao uso dos gêneros textuais na graduação, ao funcionamento do projeto de extensão que realiza em parceria com a Profa. Dra. Marília Ferreira, intitulado *Laboratório de Letramento Acadêmico em Línguas Materna e Estrangeiras*, bem como trata das produções de textos acadêmico-científicos dos alunos ingressantes da USP. No diálogo, Eliane Lousada também pondera sobre os métodos de imersão dos graduandos de Letras da UFMS nessa escrita.

ENTREVISTA ELIANE GOUVÊA LOUSADA USP – Universidade de São Paulo

Por Thayne Costa dos Santos

1) Pensando nas formas de circulação do conhecimento, sobretudo levando em conta sua experiência na USP e nos projetos desenvolvidos em instituições francesas, como a senhora avalia o papel da iniciação científica para o desenvolvimento da escrita acadêmica dos graduandos de Letras e para formação de futuros professores de línguas?

A questão de Iniciação Científica (IC) é muito importante, é fundamental. Desde que entrei na USP, eu tenho sempre orientado IC, e a maioria depois continua a formação para a pesquisa, cursando Mestrado e Doutorado. É visível a diferença entre os alunos que iniciam pós-graduações tendo passado pelo processo de IC e os alunos que iniciam mestrado sem ter passado por essa etapa. É claro que das duas maneiras é possível fazer uma ótima dissertação, mas talvez o que aconteça é que o aluno de mestrado tenha que aprender muito mais, porque, além de investigar as coisas da própria pesquisa, vai ter que aprender o domínio da escrita acadêmica, o qual vai começar naquele mesmo momento. Enquanto isso, o aluno de IC já tem uma formação, com certeza mais sólida nesse quesito, porque, embora o relatório final não seja igual a uma dissertação, ele já domina algumas operações de linguagem que permitem com que escreva com mais facilidade o texto do mestrado.¹ Eu tenho um

¹ Thiago Jorge Ferreira Santos já defendeu a dissertação de mestrado, e o trabalho está disponível no banco de teses da

aluno que, aliás, apresentou no ²simpósio do IX SIGET. Em seu mestrado, ele analisou o processo de formação do pesquisador na IC e foi muito interessante, porque mostrou que, no momento inicial em que o aluno escreve o projeto de pesquisa, há uma voz de estudante, contendo várias marcas que demonstram um discente começando o projeto de pesquisa. No entanto, ao longo de um ano, ao redigir os quatro gêneros textuais que pertencem ao processo da iniciação na USP, como por exemplo, o projeto, o relatório parcial, a apresentação oral no ³Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP — SIICUSP— e o próprio relatório final, o aluno vai se constituindo como pesquisador e, então, percebemos que a voz final é de uma pessoa adentrando na esfera de pesquisa, e não mais aquele estudante que começou. Então, eu vejo que essa pesquisa empírica mostra realmente a importância desse processo da IC para a formação do acadêmico, ou seja, de sua formação como um todo, não só da questão do desenvolvimento da escrita, uma vez que, ao desenvolver a escrita, existe também a construção de um pensar científico, ou seja, também existe o desenvolvimento de uma forma científica de pensar ao escrever. A esse respeito, temos pensado nessa função que a gente chama de epistêmica da linguagem escrita que já foi estudada, por exemplo, o Bernard Schneuwly, que foi bastante citado no IX Siget. Ele tem um livro “Vygotsky, a escola e a escrita⁴” em que vai mostrar essa função epistêmica para a formação do pensamento científico. Já em relação aos futuros professores de línguas, a IC contribui dependendo da área em que o aluno a realiza: se ele atuar em sua própria área de formação, poderá conseguir uma contribuição em referência ao conteúdo. No que diz respeito à escrita acadêmica como contribuição para a formação de professores de línguas, eu acho que é uma questão que precisa ser melhor desenvolvida, discutida e explicada, porque não dá para afirmar automaticamente. Um exemplo disso é que há muita gente usando o relatório de estágio, como nós vimos na mesa-redonda⁵ do IX SIGET, que faz parte da licenciatura, como meio de desenvolver a escrita acadêmica. O relatório de estágio é um meio de aprender a profissão de professor, eles fazem parte da esfera universitária. Mas os gêneros produzidos na IC, que fazem parte da esfera acadêmica, não estão automaticamente ligados ao desenvolvimento do professor de línguas. Claro que qualquer texto que a gente escreva na universidade contribui para o desenvolvimento da escrita e da reflexão, mas apenas escrever os textos da IC não contribui diretamente para a formação enquanto professor, a não ser que seja sobre um tema relacionado a isso. Portanto, acho que temos que pensar melhor no local e no gênero, como também para quem ele está servindo. Há outros gêneros que vão circular no meio acadêmico e universitário que podem servir para isso. Então, acerca da formação de futuros professores, eu acho

USP (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-05082016-132904/pt-br.php>).

² Simpósio “Gêneros textuais em contextos acadêmicos”, coordenado pela Eliane Gouvêa Lousada; Anise D'Orange Ferreira e Ermelinda Barricelli (USP/SP), que ocorreu em setembro de 2017, em Campo Grande-MS, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

³ Trata-se de um evento anual que divulga os resultados dos projetos de iniciação à pesquisa científica e tecnológica realizados por discentes de graduação da USP – informações disponíveis em: <siicusp.prp.usp.br>.

⁴ SCHNEUWY, B. (2008). Vygotski, l'école et l'écriture. Genève : Cahier de la Section des Sciences de l'Éducation, no 118.

⁵ Mesa-redonda intermediária que ocorreu no IX SIGET, chamada "Gêneros e participação em contexto educacional" com participação das pesquisadoras Eliane Gouvêa Lousada, Gláís Sales Cordeiro e Roxane Rojo. A gravação pode ser vista na página do youtube do IX SIGET em: <[youtube.com/channel/UCT0nwXvpuoO9Oc9daCu0gWw](https://www.youtube.com/channel/UCT0nwXvpuoO9Oc9daCu0gWw)>.

que a IC tem sua contribuição se ela for na área, senão eu acho que outros gêneros e outros espaços de formação serão mais apropriados.

2) Por ocasião de seu simpósio “Gêneros textuais em contextos acadêmicos”, a senhora relatou que, na Universidade de São Paulo, não são desenvolvidas disciplinas introdutórias de Leitura e Produção de Textos no início da graduação em Letras. Essa informação chamou nossa atenção, uma vez que, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o primeiro ano das licenciaturas dos cursos de inglês e espanhol possuem, na sua grade curricular, as chamadas LPTC (Leitura e Produção de Textos Científicos) I e II, disciplinas voltadas ao trabalho com os principais gêneros acadêmicos. No contexto de nossa instituição, ingressantes e professores relatam a extrema importância do aumento de carga horária desse trabalho. Como se dá esse processo nos cursos de Letras da USP?

Pelo que eu tenho observado e comentaram comigo, ⁶essa disciplina que vocês têm é frequente, não sei se é obrigatória ou não nas federais, mas nas estaduais não é exatamente igual. Eu não sei como é na UNESP e na UNICAMP, porém na USP essa disciplina voltada para a leitura e produção não é ofertada. Nos últimos anos, uma disciplina semelhante tem sido oferecida a todos os alunos e sempre está cheia, embora não faça parte da grade de disciplinas obrigatórias. É claro que existem outras disciplinas que trabalham com texto, tem uma parte linguística muito forte, eu inclusive falo aos meus alunos para seguirem essa disciplina, porque possui discussão teórica importante, mas não é também um exemplo de trabalho prático em relação à produção textual. Lá, é exatamente como você relatou⁷: os professores pedem gêneros diferentes, fichamentos, resumos, resenhas. Alguns docentes trabalham esses gêneros antes de pedir como atividade avaliativa. A exemplo disso, eu dei uma palestra há umas três semanas para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH - e um aluno de outro curso relatou que fez uma matéria com uma professora que trabalhou o que era fichamento com eles, uma disciplina que não era da Letras, era de outro curso, e ela fez oficinas fora do horário da sala de aula para trabalhar isso com os graduandos. Sei que esse caso é uma exceção, não é a maioria dos professores que fazem isso. O que nós temos proposto, então, é o laboratório acadêmico para suprir tais lacunas e foi assim que ele surgiu. Na verdade, a ideia é que os alunos possam ter um apoio fora do horário da disciplina, pois mesmo que essa professora tenha conseguido fazer o trabalho fora do tempo de aula, é evidente que muitos docentes e discentes não se dispõem ao processo. Então, o laboratório presta essa assistência aos acadêmicos que tenham dificuldade na produção textual científica. À vista disso, são oferecidos os horários de atendimentos individuais em que os alunos trazem o texto e discutem com o monitor-tutor a respeito dele. Também procuramos realizar as palestras, e eu mencionei um pouco sobre tal funcionamento na mesa-

⁶ Eliane refere-se à LPTC - *Leitura e Produção de Textos Científicos*, disciplina presente na grade curricular do curso de licenciatura em Letras na UFMS.

⁷ A entrevistadora, Thayne Costa, ao fazer a pergunta, explicou que, na UFMS, os professores pedem com frequência trabalhos de diversos gêneros, os quais são essencialmente acadêmicos, ou seja, não são previamente estudados no ensino médio. Considerando essa realidade da educação básica e como ela reflete academia, o oferecimento da disciplina *Leitura e Produção de Textos Científicos* no 1º ano configura uma estratégia do curso para atender a essa necessidade.

redonda aqui no Siget. Nas palestras, nós procuramos abordar questões importantes para a produção textual, algumas baseadas em gêneros, outras sobre plágio, outras sobre processos de produção textual, enfim, explorando questões importantes dentro da universidade.

3) No artigo “Ações do laboratório de letramento acadêmico da universidade de São Paulo: Promovendo a escrita acadêmica na graduação e na pós-graduação”, a senhora publicou, em coautoria com a Marília Mendes Ferreira, parte da experiência desenvolvida em um projeto em andamento na Universidade de São Paulo. Aqui na UFMS, ao criar um laboratório de revisão de textos acadêmico-científicos, nós percebemos que existe maior demanda da comunidade acadêmica para realização de cursos sobre normas de publicação ou de revisão de textos do que a procura por cursos voltados para o aprimoramento da própria escrita acadêmica. Por outro lado, o que os textos de graduandos, sobretudo ingressantes, têm mostrado é ainda uma grande dificuldade na produção e na compreensão de seu funcionamento. Pensando nas suas experiências tanto no laboratório quanto em instituições francesas, como a senhora avalia esse maior interesse pelas questões normativistas do que pelas oportunidades de acesso às práticas discursivas científicas em si.

Eu tenho algumas ideias sobre o que acontece aqui, eu acho que primeiro existe uma representação da produção escrita como sendo obedecer às regras gramaticais e regras da ABNT que eles não conhecem, então eu acho que a primeira coisa é isso, eles imaginam que exista um laboratório e pensam de imediato nesse tipo de solução. Na língua estrangeira, temos muitos problemas com isso, porque os alunos estão aprendendo uma língua que eles não dominam e, às vezes, os discentes acham que irão para o laboratório para fazer uma correção gramatical. No nosso caso, se vocês entrarem no site, poderão assistir a um vídeo da professora ⁸Marília Ferreira, no qual ela diz que não é uma revisão de texto, e aí talvez o nome que foi escolhido para o projeto da UFMS possa contribuir com essa confusão. O que eu posso sugerir é que precisamos desenvolver uma cultura, que não existe no Brasil. Nos países anglófonos, (laboratório da USP é inspirado de outros), isso é muito comum, se vocês forem ler as publicações do Bazerman, Russell entre vários outros autores, verão que há aqueles writing centers que funcionam nos países anglófonos há muitos anos e os alunos têm essa cultura de consultar esse writing center, não para questões pontuais, mas para questões de “como eu escrevo na universidade” e “como vou conseguir ter boas notas escrevendo bem”. Como essa cultura não existe aqui, é muito fácil confundir com esse tipo de revisão ou com um ensino das normas da ABNT. Para desenvolver como é que a gente faz? Nós também estamos tentando desenvolver uma

⁸ A Profa. Dra. Marília Mendes Ferreira possui graduação em licenciatura português-inglês e literaturas pela Universidade Federal de Uberlândia, mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas e doutorado na mesma área em The Penn State University. Em parceria com a Profa. Dra. Eliane Lousada, criou o laboratório de letramento da USP. Seu currículo está disponível no site <lattes.cnpq.br>.

cultura. Eu falei durante a mesa-redonda muito rapidamente porque não tinha tempo, mas o que eu tenho feito é o estabelecimento de parcerias com disciplinas, por exemplo, os meus alunos de Francês I, II, IV e V têm um trabalho escrito maior para o qual a consulta ao laboratório vale 1 ponto da nota. Dessa forma, no 1º semestre, eu trabalho com diário de leitura, por exemplo; no segundo, trabalho com resumo e a consulta ao laboratório também vale 1 ponto da nota. Dá bastante trabalho, porque eu faço uma ficha com horários, porque se não for assim e eu falo “consultem o site e marquem!”, eles não vão. Nesse processo, alunos monitores do laboratório que são mestres, doutorandos ou mestrandos se apresentam em minhas disciplinas, colaboram com uma aula sobre o gênero trabalhado (diário de leitura, resumo ou resenha), e assim, os discentes já conhecem a monitora e marcam um horário. Alguns não vão ao laboratório, mesmo com o horário marcado, e a nota máxima é nove para eles, mas os outros que vão podem tirar até dez com essa consulta. Assim, criamos uma cultura de consulta ao laboratório, porque a gente sabe que é preciso conhecer antes, o funcionamento e as pessoas, essa relação interpessoal no Brasil é muito importante.

Para esse processo, o atendimento é individualizado, ou seja, o aluno marca e a monitora senta com o texto individual para discussão?

Sim, o aluno marca o horário e o monitor senta com o ele, na frente do texto, para o atendimento. No site, já existe a explicação como a gente faz: nós pedimos para que os discentes levem o texto de preferência. Quando é a primeira vez, eles não levam produção e vão apenas com a ideia. No caso de vocês, valeria mexer um pouco, se vocês conseguissem, no título do projeto do LABREV e valeria a pena fazer parcerias com outras disciplinas do curso. Sobre as normas da ABNT, no nosso site, por exemplo, tem um local com links para sites que os alunos podem consultar, ou seja, eles não precisam fazer um curso sobre isso. O que é fato é que os estudantes precisam de um direcionamento, porque, na pesquisa, aparecem muitas coisas e eles ficam um pouco perdidos. Há outro aspecto importante que quero mencionar: temos exercícios. Nós criamos uma página no moodle que linkamos ao nosso site e, assim, os alunos podem ter acesso e também fazer exercícios dessa parte mais formal acerca das normas da ABNT. Então, acho que é isso, temos que criar essa cultura e essa parceria. Com disciplinas de literatura, por exemplo, eu tenho uma aluna que trabalhou com o artigo científico da área de literatura em uma disciplina literária que chama monografia, na qual o professor pede para os alunos escreverem um artigo, sendo que eles são graduandos e a maioria não faz uma pesquisa de IC. Essa aluna, além do atendimento no laboratório, deu três aulas sobre como fazer um artigo científico nessa área de conhecimento, o que foi importante, pois os alunos não sabiam escrever um artigo científico, gênero conhecido por quem desenvolve uma pesquisa. Isso também foi interessante para mostrar que a escrita de um texto da graduação, nesse campo do saber, não é só

respeitar as normas e corrigir francês, tem também toda uma organização que precisa que ser aprendida.

4) Na apresentação, intitulada “Gêneros argumentativos e formação da cidadania”, proferida por Joaquim Dolz na mesa-redonda “Gêneros e práticas sociais”, durante o IX Siget, ele destacou a ideia de que a argumentação é fundamental para a construção do capital social. A partir desse pressuposto, pensando especificamente no gênero acadêmico resenha e no modo como ele possui menor circulação nos espaços discursivos de difusão do conhecimento, como a senhora avalia a menor adesão à escrita desse gênero em periódicos?

Eu acho que, como você está me contando, as revistas não estão mais publicando as resenhas, de fato, a gente tem que ligar isso com o contexto acadêmico da produção científica por pesquisadores. Realmente, as revistas precisam manter a periodicidade e o que conta para o pesquisador é o artigo - isso é um fato no Brasil, principalmente. Agora, no panorama mundial, eu não vejo essa diminuição dos números de resenhas, embora a produtividade na academia seja uma questão internacional, porque os critérios da valorização desses gêneros não ocorrem da mesma forma, e isso tem a ver com a pontuação da CAPES e, por consequência, é uma coisa muito interna ao Brasil. A gente tem que ver quem escreve resenha, porque muitas vezes há pesquisadores com muitos anos de experiência que produzem esse gênero ainda, sobretudo ao aparecer um livro novo da sua área de conhecimento ou o livro de um colega. Claro que esse pesquisador não vai fazer dez resenhas, vai fazer uma e em ocasião especial. Então, eu acho que no Brasil, pelo menos, o trabalho de escrita desse gênero não deveria desaparecer, mas talvez pudesse ficar ligado a doutorandos. O próprio orientador deveria, talvez, sugerir ao orientando que faça resenhas dos livros que estão em período de lançamento, assim como me aconteceu: minha ex-orientadora, ⁹Anna Rachel Machado, sempre cultivou esse tipo de atividade. Para o doutorando, é uma maneira de se inserir um pouquinho como especialista na área do conhecimento e ter uma publicação que conta, mas, claro, não conta como um artigo. De todo modo, vejo que a resenha está muito presente no cotidiano, é um gênero que, na mesa-redonda, como a Roxane Rojo destacou, é um dos gêneros para a vida. Nesse caso, nós podemos trabalhar com ela no ambiente acadêmico, mas ela tem sua versão mais cotidiana e pode ser encontrada por aí em qualquer site, jornal, revista etc. Penso que é fundamental trabalhar a questão da resenha e o que a gente pode fazer, na verdade, é que os alunos a escrevam em sala de aula e que o texto possa circular em um local maior, por exemplo, nas revistas de alunos – esse pode ser um dos lugares para publicar as resenhas que são produzidas no ambiente universitário. Por fim, eu concordo que esse gênero é fundamental para a argumentação do texto científico e acho que é um movimento do qual os

⁹ Anna Rachel Machado possui graduação em Língua Portuguesa e Francesa pela PUC/Campinas, mestrado em Linguística na UNICAMP e doutorado em Linguística Aplicada na PUC/SP.

orientadores, pensando na nossa questão brasileira, têm que estar conscientes e sensibilizando seus alunos com o panorama mundial que não é exatamente o mesmo.

O *Laboratório de Letramento Acadêmico*¹⁰ da USP, coordenado pela Profa. Dra. Eliane Lousada, oferece workshops, palestras e atendimentos individuais gratuitos. O LABREV¹¹ - *Laboratório de Revisão de Textos Acadêmico-científicos* da UFMS, coordenado pela Profa. Dra. Elaine de Moraes Santos, oferta serviços de revisão textual e cursos sobre a escrita acadêmico-científica. Nos dois casos, trata-se de ações que integram atividades de ensino, pesquisa e extensão dos respectivos grupos ou núcleos de pesquisa, dado que, para além dos serviços disponibilizados, suas produções reverberam orientações de trabalhos na graduação e na pós-graduação, contribuindo para o aumento do escopo teórico-metodológico acerca da escrita acadêmica como um processo maior que perpassa a própria formação docente nas instituições.

¹⁰ Mais informações podem ser encontradas pelo site: <<http://letramentoacademico.fflch.usp.br>>.

¹¹ Enquanto ação de extensão, o LABREV funciona como subprojeto do LiDiH – Núcleo de Linguagens, Discursos e(m) Hipermídia da UFMS. Mais informações podem ser encontradas pelos sites: <<https://www.ufmslabrev.com>> e <<https://lidihsite.wixsite.com/lidihufms>>.